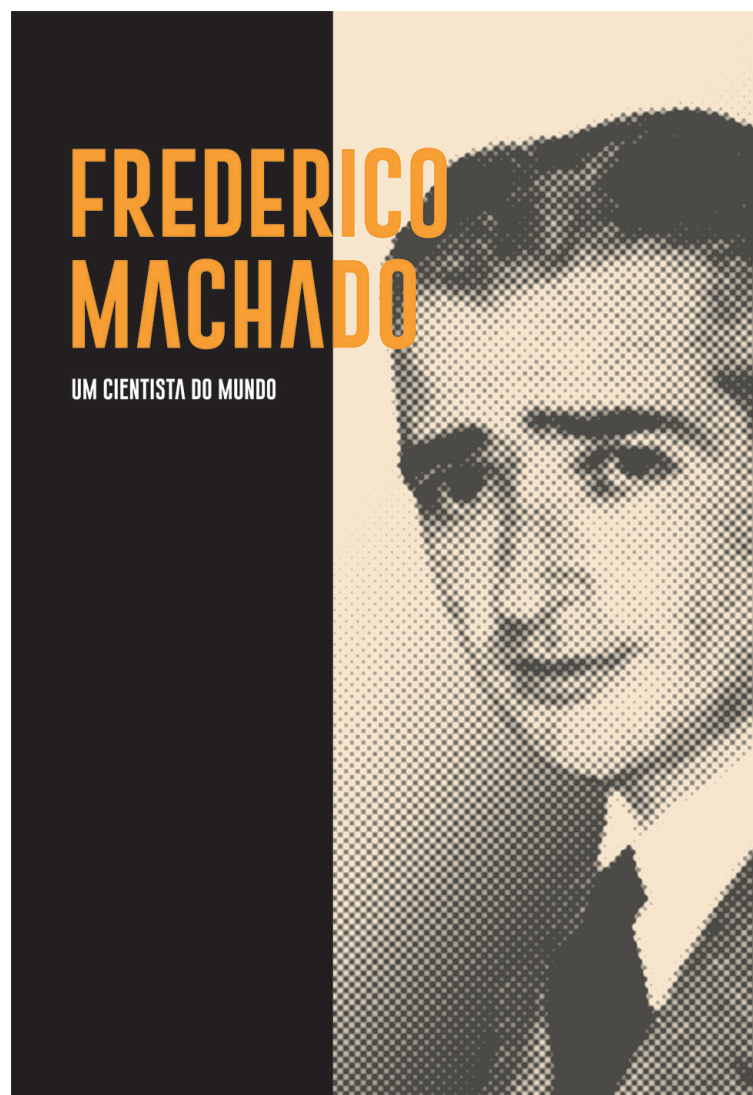


MEMÓRIAS NUM *LIBER AMICORUM*



Frederico Machado – Um Cientista do Mundo

é a 20.ª obra editada pela Associação, um ex-libris do projecto Memórias Biográficas. Ficou concluído mais um *antídoto ao esquecimento* que ocupará um lugar de grande destaque no encerramento do Centenário no Faial.

Este *Liber Amicorum* organizado pela Direcção da AAALH, num volume de 326 pp. e 300 exemplares impresso em Março deste ano, foi patrocinado pela Câmara Municipal da Horta.

São apresentados comentários aos *tempos de passagem* do arco histórico do percurso de vida de Frederico Machado, incluídos registos das homenagens recebidas, descrita a forma como decorreu o Centenário e reunido um conjunto de «Memórias e Tributos» de Professores/Investigadores das Universidades dos Açores, de Aveiro, de Coimbra, de Évora e de Lisboa que apresentaram os textos seguintes:

A. A. Soares de Andrade, *Dos Açores à Via Láctea: um tributo geológico ao Engenheiro FM*; A. M. Frias Martins, *FM e a Sociedade Afonso Chaves*; António Ribeiro, *FM: um testemunho pessoal*; Carlos Lobão, *FM: um testemunho da grandeza da sua memória*; Fernando Almeida, *Da frase ao conhecimento científico*; Fernando Tavares Rocha, *FM, um grande académico açoriano na Universidade de Aveiro*; João Luís Gaspar, *Em memória do Pai da Vulcanologia em Portugal*; Joaquim M. Vieira, *Limites de deteção na determinação do magnetismo fraco de sólidos e rochas*; Jorge M. A. Gomes Ferreira, *A previsão sísmica e outros serviços das ciências geofísicas: uma reflexão sobre o percurso científico de Frederico Machado*; Jorge Miguel Miranda, *FM: compreender a Terra no meio do Oceano*; José M. Martins Azevedo, *FM: do Ilhéu e do Engenheiro ao Investigador e ao Professor de Excelência*; Luis Menezes Pinheiro, *FM em busca de uma explicação para o carácter pulsante de alguns processos geológicos*; Renato Araújo, *Um geocientista que importa admirar*.

Um património de estudo da “incerteza”, sempre tolerante com as “certezas” dos outros, é o legado de Frederico Machado.

UMA HISTÓRIA NUM TEMPO DE PERPLEXIDADES



Faz um ano. Entre dois tempos de Páscoa. No início seria a clarificação associativa em veredicto de Assembleia Geral. Mas a dúvida chegou e interrompeu tudo. Quisemos à mesma um guião que ficou imaginário, pois a dúvida tornou-se numa longa perplexidade. Chegámos a uma nova Páscoa. Reencontrando a sua grande mensagem. Ancestral. Sempre de renovação. Com sentido e alvo na esperança. Prolongando-se no simbólico vital da “ressurreição” vinda das raízes da nossa cultura cristã. E o que aconteceu nesse entretanto? A perplexidade continuou. Estranha e notável. Tínhamos a resiliência histórica à violência das adversidades da natureza. Das intempéries do “mau tempo no canal”, das calamidades dos ‘abalos de terra’ e da ameaça dos vulcões. Pouca coisa para tamanha perplexidade! Descobrimos a fragilidade onde já nos julgávamos heróis, no conhecimento. A pequenez e a incerteza emergiram. Talvez, como na sabedoria popular, viesse a renovação porque “nunca choveu que não estiasse”. Neste emaranhado de dúvida e perplexidade, imaginário e resiliência, apesar de tudo, os projectos “floriram” entre Páscoas e, agora maiores, aguardam o novo escrutínio dos associados. Uma palavra para a diáspora, a essa capacidade de inventar futuros, o movimento pro-memória de Frederico Machado foi bem sucedido. O Museu da História do Tempo do Cabo Submarino (apesar da inépcia política anterior) em Outubro de 2020 chegou aonde nunca tinha chegado. Na UniSénior, o projecto mais icónico (somos uma associação de Séniores) está a ser repensado, as circunstâncias de vida e os anseios dos Séniores mudaram. As memórias biográficas ganharam nova vitalidade, os dois livros que “fizemos” mostraram mais rumos. Eis um balanço entre as esperanças de duas Páscoas com a perplexidade ‘ao contrário’...

MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS



SAUDADE DE MEMÓRIAS INTENSAS



Esta “memória biográfica” é uma homenagem à nossa diáspora. Dava-se por ela no Liceu (1953). Uma fonte de energia contagiante. Era a **Fátima Silva** que todos com simpatia tratavam por **Fátima Carioca**. O Mestre de Português, Tomás da Rosa, também deu por ela, era uma das melhores da turma. Redigia com grande sensibilidade, qualidade que recordámos nos seus escritos de saudade: “Trago em mim pedaços daquela nesga de terra debruçada sobre o mar, a que chamávamos Pátio, meu jardim de infância, onde dei os primeiros passos, miradouro de onde assistia ao espetáculo marítimo das lanchas da baleia com monstros a reboque, admirava os iates do mundo de velas enfunadas rumo à Marina da Horta e os transatlânticos que por lá passavam e me faziam sonhar com mundos de grandeza e abundância.” Fez o Magistério. Deu Escola noutra Ilha. Partiu para terras da diáspora onde cursou Sociologia (Toronto) e depois Psicologia (Chicago).

Pedimos à Dra. Alzira Silva que recordasse os seus tempos de Directora Regional das Comunidades e nos falasse da já então **Fátima Toste**, emigrante no Canadá. Acedeu: “A Fátima Toste era uma mulher alegre, sorridente, dinâmica, corajosa, sensível. Conheci-a como voluntária em organizações de carácter social, sempre muito cumpridora no seu desempenho, como mulher empreendedora, criativa e independente, e como mulher de família, muito dedicada aos seus entes queridos. Mas o traço que mais retive da Fátima Toste foi a sua enorme ligação à terra de origem: o Faial. Era notável o seu foco na divulgação das suas raízes. Essa é a faceta que a Fátima nos legou e que perdura entre nós.”

Os três livros da sua autoria que conseguimos obter são “hinos” à saudade – *Raízes Azuis* (2003), *Porto Pim do meu encanto* (2007) e *Açorianos na diáspora fazem a diferença* (2011) que integra 44 biografias de percursos de vida na diáspora.

A Fátima Carioca já nos deixou.

UMA ATITUDE EXEMPLAR



Valdemar Porto, pela colaboração que há vários anos vem garantindo na sua especialidade médica (dermatologia/venerologia) no Hospital da sua terra, a Ilha do Faial, e no Pólo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas, com grande dedicação e a atitude exemplar de prestação de serviço “pro bono”, foi homenageado pelas respectivas entidades. O Conselho de Administração do Hospital da Horta atribuiu-lhe o *Diploma de Benemérito* “reconhecendo e valorizando a nobreza do seu trabalho”. Também o Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas o condecorou com a *Cruz de S. Jorge de 1.ª Classe* “pelo contributo de forma totalmente voluntária e muito significativa para a qualidade e eficácia dos serviços da sua especialidade”.

Valdemar Porto, Antigo Aluno (1960). Seguiu a carreira da Classe de Médicos Navais atingindo o posto de Contra-Almirante. Tem um longo e importante currículo profissional, em clínica e em funções de direcção, no meio militar e na sociedade civil.



RUAS DEMORADAS. RECONHECIMENTO PÓSTUMO



“O valor da sua poesia vai merecer atenção” – *In Memoriam* a **Mário Machado Fraião** (MMF), 2010, Boletim n.º 23. Já nessa altura encontramos suporte para este vaticínio em autores que se ocuparam do percurso literário de MMF.

Agora, Victor Rui Dóres, que desde longa data reuniu, analisou, organizou (e foi sempre divulgando) esta obra poética (7 livros) teve a oportunidade de publicar o conjunto a convite do Instituto Açoreano de Cultura que reconheceu o valor como autor literário de MMF. A edição intitula-se *AS RUAS DEMORADAS* (de um texto de MMF). Do estudo introdutório que VRD teve a atenção de facultar à AAALH destacamos as grandes temáticas que “emancipou” na poética de MMF – *memória insular; melancolia da distância; da Ilha para o mundo; a viagem mil vezes retomada*.

Recomendamos vivamente este trabalho, acolhido na edição de 2020 do Boletim do Núcleo Cultural da Horta, que nos encaminha no itinerário de um grande poeta. Mário Fraião é natural do Faial. Antigo Aluno (1963). Licenciado em História, com vasta participação em círculos e suplementos literários no Continente e em várias ilhas açorianas.



NO TOPO DA MAGISTRATURA



Na sequência de uma carreira laboriosa e bem sucedida **Tibério Nunes da Silva** atingiu o patamar cimeiro do seu percurso profissional na Magistratura.

Natural da Ilha do Pico (S. Mateus). Antigo Aluno (1970-1975). Licenciado em Direito (1981). Seguiu a carreira de Juiz de Direito (2004) durante 18 anos em vários pontos do país. Acedeu às categorias seguintes por mérito reconhecido em concurso curricular. Juiz Desembargador no Tribunal da Relação de Lisboa (2002/2020). Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça (4.º em 64 concorrentes, 20/10/20). Professor no Centro de Estudos Judiciários. Vogal do Conselho Superior de Magistratura. Dos seus pares recolhe opiniões elogiosas nas qualidades técnico-jurídicas e posições humanistas.



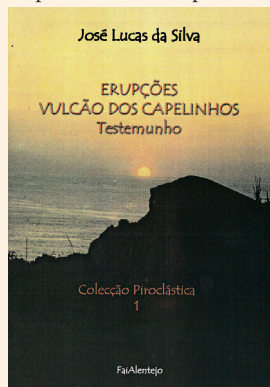
IN MEMORIAM

JOSÉ LUCAS



Fez parte de uma geração que marcou a vida social da cidade da Horta, numa época também socialmente singular. Animada, cosmopolita, cultivando o convívio desportivo, no mar e em terra. Economicamente desafogada. A década de 40 com o Faial no centro do mundo atlântico. José Lucas entrou para o Liceu em 1941. Fazia parte de uma família numerosa, eram 10 irmãos. O patriarca, na gíria o “Senhor Lucas ao Cais”, um abastado empresário do movimento do Porto da Horta.

Frequentou a Universidade de Lisboa durante longos anos. E explicava porquê. Para ficar a conhecer bem as matérias, os professores e, também, a capital. Licenciou-se em Geografia. Foi Professor em liceus de Lisboa. Regressa ao Faial na missão de estudo do Vulcão dos Capelinhos dirigida por Orlando Ribeiro (ref. N.º1 da Coleção Piroclástica editada pela FaiAlentejo, 2007). José Lucas era uma pessoa agradável, bem disposta, conhecida pelo seu fino e constante



humor, desde muito novo. Conta-se que ainda aluno do Liceu, certo dia ao passar por uma senhora amiga da família esta lhe terá perguntado: “Olá José... para onde vais com ‘essa altura toda?’...” José Lucas terá respondido: “Prá explicação! Prá explicação! Dona Aracy!”

José Lucas fazia-se acompanhar de um objecto quase um talismã, a sua inseparável harmónica, com que animava os círculos de amigos. O seu *hobby* preferido era a columbofilia. A família Lucas tinha uma bonita e ampla vivenda no Capelo (Areeiro) onde passava períodos de veraneio. José Lucas era um animador dessa elite social da cidade que passava o verão no Areeiro. Foi um admirador dos serões musicais no ‘chalet’ do Dr. Santos, escutando ao piano a filha deste, a grande amiga de José Lucas, Maria Humberta.

Sempre pronto a imaginar situações divertidas, estando de visita ao Faial um amigo do Continente, a passar alguns dias no Areeiro, era dia de festa de Espírito Santo com o habitual cortejo. José Lucas convenceu o seu convidado (o Sr. Guedes a quem chamava “Comandante”) que representantes da Irmandade o tinham convidado para integrar o cortejo e seria uma “desfeita” não aceitar. E lá foi o Sr. Guedes no cortejo levando um varão de suporte de cortinas das janelas da Casa do Sr. Lucas!

Como Professor no Liceu da Horta foi um docente cumpridor. Não gostava de dar nas vistas. Os ex-alunos recordam a sua forma de estar diferente, menos clássica.

O Dr. José Lucas da Silva faleceu no Faial em 26/3/2021 aos 92 anos.

1946. O LICEU FOI HÁ 75 ANOS



Albertina das Neves Maciel; Alberto Oliveira Naia; Almeirinda Pereira da Silva; António Baião Perpétuo; António Goulart Branco de Medeiros; António José Silveira de Freitas; António Silveira Brum Dias; Carlos da Rosa Bulcão Ávila; Carlos Manuel Herz Oliveira; César Anselmo Goulart; Daniel Rafael; Eduardo de Lacerda Tavares; Estela de Fátima Gonçalves Brum; Fernando Carvalho de Melo Amaral; Florêncio Monteiro de Freitas Terra; Francisco Garcia da Rosa; Francisco José Machado da Rosa; Gilberto Clímaco Soares; Guido de Luna Huerter de Torres Ribeiro Amaral de Sousa Teles; Guilherme Silveira de Oliveira; Hélder Medina da Silva; Henrique Milton Fernandes Vaz; Herberto Bettencourt Dart; Hugo Manuel de Azevedo Lima; Ilídio Fialho Tavares; Irene de Vasconcelos Machado; Jaime Alberto Nunes Soares de Melo; Jaime da Rosa Serpa Jr.; Jorge Manuel Ribeiro Menezes; Jorge Silveira Whytton da Terra; José Augusto de Avelar Júnior; José Eduardo Rodrigues; José Garcia Dutra; José Peixoto Vargas; José Rodrigo Morais Guerra; Julieta Celestina Cardoso Goulart; Leonor Alexandra da Silva; Leonor Goette Vidigal; Lucília Olga Castro Xavier de Mesquita; Luís Nemésio Pereira Serpa; Manuel Contente da Silva; Manuel Ferreira da Silva; Manuel Garcia Neves; Manuel Trajano Soares de Avelar; Manuel Valentim de Azevedo; Marcos Silva; Maria Adelaide Matoso Ávila Brasil; Maria Alice Furtado; Maria Alice Goulart; Maria Arlete da Silveira Maciel; Maria Celeste Caldeira; Maria de Fátima da Silveira Maciel; Maria de Fátima Neves da Silva; Maria Elvira Stattmiller de Saldanha e Albuquerque; Maria Evelina Branco; Maria Estela Bettencour Ávila; Maria Estela Neves; Maria Fernanda Oliveira da Silva; Maria Gabriela Pereira Neves; Maria Isabel Abreu Proença Abranches; Maria Isabel Cerqueira Bettencourt e Ávila; Maria Leonilda Duarte Pinheiro; Maria Madalena Branco Cordeiro da Silva; Maria Manuela Nunes Neves; Maria Manuela Sarmento de Sousa Tabora; Mário Lopo Alves de Jesus; Natália Zulmira Machado; Raul Filipe Gil; Renato Manuel da Rosa Goulart; Renato Manuel da Silva Pinheiro; Tadeu Dias Sarmento

MEMÓRIA DO CHAFARIZ DA PRAÇA DA REPÚBLICA



Em 1996 o curso de 1946 organizou um programa assinalando o cinquentenário da entrada para o Liceu. Faz 25 anos. O Liceu “deles” chamava-se Liceu Provincial de Manuel de Arriaga, cujo acesso era pela antiga Canada dos Ingleses ou do Gonçalves, hoje rua Consul Dabney.

Na foto desta página regista-se, à porta da Igreja de S. Francisco, o grupo que participou na missa em memória dos professores e colegas falecidos. Em legenda constam os nomes de todos os que ingressaram nesse ano. A ideia desta comemoração foi iniciada pelo grupo de caloiros de 1946 constituído por **Julieta Goulart, Manuel Valentim Azevedo, Guilherme Oliveira, Jorge Menezes, Guido Teles, Herberto Dart e Manuel Neves**. Algumas passagens da mensagem aos colegas ‘prendeu-nos’ a atenção... “muitos vieram da pacatez das freguesias rurais, outros do Pico, de S. Jorge, das Flores, alguns do Continente (filhos de funcionários em comissão)... “nesse tempo, de horizontes curtos, frequentar o Liceu era uma aventura, por isso, a ousadia, o medo, a timidez, a alegria eram sentimentos que se entrelaçavam durante o cortejo dos caloiros até ao chafariz da Praça da República”... “nesse momento nasceram amizades para toda a vida, durante 50 anos a vida encarregou-se de nos separar


pelos quatro cantos do mundo, mas subsistia um ponto comum – aquele 1.º ano no Liceu da Horta!”... “ainda hoje, avós e reformados, dizemos deste ou daquele – “entrámos juntos para o Liceu” ou “é uma rapariga do meu tempo”... “por tudo isto, pareceu-nos importante que tentássemos reencontrarmos-nos para sabermos uns dos outros e talvez nos despedirmos no mesmo local onde nos conhecemos”. O programa foi intenso, nos momentos de convívio que apelaram à amizade e à saudade (os convívios, além do Faial, realizaram-se também em S. Jorge e no Pico). Na sua intervenção **Julieta Goulart** recordou o 1.º dia no Liceu: “No fim das aulas da manhã foi organizado o cortejo tradicional em que a rapaziada de cara pintada pelos colegas mais velhos com guache, pomada para calçado, tintas, gorduras e farelo, com os sacos do avesso e ar assustado desfilava pelas ruas da cidade sob o olhar divertido dos hortenses até à Praça da República onde se procedia ao baptismo dos caloiros com a água extraída do velho Poço da Carrasca pela bomba de ferro enferrujado. Grande festa que todos temos recordado ao longo da vida”.

Este curso deixou-nos uma relíquia, editou um livro-memória, que tem sido uma das referências para o grande projecto de “memórias biográficas” da AAALH.


PATRIMÓNIOS DO LICEU/ESCOLA MANUEL DE ARRIAGA NOS 10 ANOS DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO



O MUSEU

 O *Espaço Museológico* da ESMA, inaugurado em 16/5/2011, atinge agora 10 anos. Uma passagem para um tempo de outras ambições que certamente estão no pensamento dos seus responsáveis, Professores da Escola e pessoas com ampla experiência – **Maria de Jesus Silva**, **Carlos Lobão** e **Victor Rui Dóres**. Desde a primeira hora, como Comissão Instaladora, deram vida a esta importante iniciativa traçando os seus grandes propósitos, como a visão oportuna da ligação ao Museu da Horta. Começaram pelo essencial: inventariar e identificar os espólios existentes na própria Escola, na sua grande maioria oriundos da História do Liceu e no que nos últimos 44 anos vai adquirindo valor histórico. Progressivamente este *Espaço Museológico* foi recebendo um programa cultural com outros projectos da Escola (o Clube de Filatelia, exposições e lançamento de peças filatélicas e o Grupo de Teatro “Sortes à Ventura” na história dos seus 30 anos de existência). São organizadas com regularidade exposições temporárias, recebidas visitas de estudo de várias relações com a comunidade e assinaladas efemérides de reconhecida importância cultural.

NOS 170 ANOS DA ESMA

 A Escola Secundária Manuel de Arriaga (ESMA) ao longo dos seus diferentes modelos institucionais tem assumido posições de grande lucidez em cultura histórica. A última vez, há poucos anos, em sessão do Dia da Escola, foi transmitida a “assumpção” da idade das raízes do actual estabelecimento de ensino. Por isso, no próximo dia 15 de Maio a ESMA atingirá o trajecto cronológico de 170 anos. Outros passos anteriores marcaram convergências no mesmo sentido:

- A comemoração dos 150 anos do Liceu pela ESMA com a cooperação da AAALH (2001/2004).
- O apoio da ESMA à investigação historiográfica (Carlos Lobão e o acesso a fontes históricas) que conduziu à edição de uma obra sobre a História do Liceu (AAALH, 2004).
- O estudo da reabilitação do Arquivo Histórico do Liceu com a participação da ESMA (ver Boletim n.º 40).
- A escolha do Dia da Escola da ESMA na data simbólica do Auto da instalação definitiva do Liceu em 15 de Maio de 1854.

No seu conjunto estes exemplos parecem abrigar diferentes percursos numa única História. E poderão ser prosseguidas análises de memória institucional e até de memórias biográficas reportadas à obra de 1952 sobre o Centenário e à obra de 2004 no âmbito do Sesquicentenário. Idênticos propósitos poderão ser imaginados para outras referências históricas.

PATRIMÓNIO DE CULTURA CIENTÍFICA



Muitos de nós ainda se lembram dos laboratórios do Liceu, das bonitas peças e das interessantes experiências de iniciação ao raciocínio científico, na apreensão de conceitos e na verificação de processos. E também se recordam da expressão pedagógica deste equipamento nas aulas práticas e nas memórias dos exames no(s) laboratório(s). Alguns se lembrarão também do simpático funcionário que, “à sucapa”, nos “deslizava” informação sobre as situações que estivera a montar e que “iam sair” no exame! Estamos a falar de um autêntico património que não se projecta apenas nas nossas memórias e na história do Liceu. Tem prolongamentos com importância histórica na pedagogia da cultura científica para além do apreço que qualquer relíquia desperta. O actual Museu não acolheu esse equipamento porque estava integrado no Centro de Ciência, um projecto que a ESMA criou no âmbito do Programa Ciência Viva, conduzido pelas Professoras de Física **Isaura Castro**, **Isabel Naia** e **Luna Benarús**, inaugurado em 15/3/2006. Um projecto de grande alcance nas suas expressões didácticas e nas de divulgação social de cultura científica. Teve apoio da CMHorta quanto a instalações (na antiga Escola da Matriz), do Programa Ciência e da Direcção Regional da Ciência. Atingiu uma dimensão assinalável, com 40 experiências interactivas nas áreas da óptica, som, electricidade, mecânica e magnetismo.

MAIS MEMÓRIA PARA O MUSEU



No espírito das tradicionais Ligas de Amigos poderá ser viável divulgar o *Espaço Museológico* junto dos Antigos Alunos do Liceu e mobilizar um movimento de doação de memórias desse tempo. De um dos maiores projectos – as memórias biográficas – poderão existir elementos úteis sobre o rasto de gerações/pessoas na História do Liceu. Igualmente poderá regressar à origem (ESMA) o importante acervo fotográfico da exposição fotográfica sobre a História do Liceu montada para a comemoração dos 150 anos. Em geral dos projectos da AAALH desenvolvidos nos últimos 20 anos no *corredor cultural “memória-história-património”* poderão ser encontrados motivos materiais e imateriais que os curadores do *Espaço Museológico* reconheçam com interesse para as suas orientações científicas.



Imagens desta página

Aspectos das Exposições Permanentes do *Espaço Museológico* da ESMA

PATRIMÓNIO DO LICEU



Foi uma surpresa não termos encontrado o património do Laboratório de Física do Liceu. Vimo-lo pela última vez no Centro de Ciência. As diligências para o encontrar abriram mais surpresas. Porque foi encerrado o Centro de Ciência? Porque aquele património não voltou para a Escola? E, afinal, onde está? Perguntámos e procurámos sem sucesso. O inventário deste património faz certamente parte das “omissões” que o museu deseja recuperar. Esperemos que seja a prenda do aniversário dos 10 anos.